



Facebook e Cidade: quando as características das relações do mundo real invadem a esfera virtual¹

Daniella Lisieux de OLIVEIRA²

Universidade Federal de Juiz de Fora – MG

Resumo

Este artigo analisa a paridade entre as relações sociais que acontecem no *Facebook* e as relações promovidas pela convivência na cidade. Utilizamos a Revista O Globo, de 24 de julho de 2011 com o fim de ilustrar esta realidade. O *Facebook*, assim como a cidade, promove oportunidade permanente de encontro com o desconhecido e de contato com outros mundos possíveis. A partir da perspectiva de sociedade em rede, ele comporta-se como uma ferramenta de interação das comunidades atuais.

Palavras-chave: Comunicação; Cidade; Internet; Facebook; Sociabilidade.

Introdução

A rede social *Facebook* foi fundada por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes, ex-estudantes da Universidade de Harvard, em fevereiro de 2004. Inicialmente, a adesão ao Facebook era restrita apenas aos estudantes da universidade à qual faziam parte. Após rápida abertura para adesão de estudantes de outras universidades, o *Facebook*, em setembro de 2006, passou a ser aberto para usuários a partir dos treze anos de idade. Segundo *Ad Planner Top 1000 Sites*³, que registra os sites mais acessados do mundo, através do mecanismo de busca do Google, divulgado em julho de 2011, o *Facebook* aparece como 1º colocado, com 590 milhões de visitas. O mesmo possui cerca de 800 milhões de usuários e é atualmente o maior site de compartilhamento de fotos do mundo, superando o concorrente especializado *Flickr*, do *Yahoo!*.

¹ Trabalho submetido à Divisão Temática 06 – Interfaces Comunicacionais, do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Graduada em comunicação, Especialista em Marketing e Negócios e Aluna Especial do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: daniella.lisi@yahoo.com.br.

³ Disponível em <http://www.google.com/adplanner/static/top1000/index.html>



O *Facebook* permite a aglomeração de amigos por grupos, compartilhamento de fotos, vídeos e links com ilustrações e resumos. Além disso, ele possui as opções de *Curtir* e *Compartilhar* postagens de amigos e ainda sugere amizades de acordo com sua rede de contatos. Ele ainda oferece a função *Cutucar* que tanto pode promover um primeiro sinal de aproximação entre seus membros, quanto pode funcionar como uma maneira de abrir o canal de comunicação entre usuários. Ele também possui diversas outras ferramentas para o comércio e utilização móvel que não fazem parte de nosso objeto de estudo no momento.

Com um crescimento tão rápido e número de adeptos significativamente expressivo, o *Facebook* comporta-se como uma metrópole que aglomera inúmeras tribos e promove encontros e desencontros. Ângela Prysthon utiliza os estudos de Janice Caiafa, para definir que a “vida metropolitana forçosamente implica numa constante sensação de deslocamento do homem dentro do mundo” (PRYSTHON, 2007, p.152). Stuart Hall nos chama atenção para ao conceito de deslocamento proposto por Ernest Laclau (1990), onde uma “estrutura deslocada é aquela cujo o centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por uma ‘pluralidade de centros de poder’ ” (HALL, 2000, p.16). O mesmo autor explica que este deslocamento, característico da pós-modernidade, refere-se a sujeitos que assumem diferentes identidades em variados momentos, diferentemente do que ocorria na identidade moderna onde o sujeito possuía identidades fixas e unificadas.

Sobre este deslocamento promovido pelos meios de comunicação, no enfoque deste estudo, o *Facebook*, Caiafa, lembra-nos que a socialização promovida pelos meios de comunicação é mediada e, portanto, dificulta o contato com o outro, de alteridade.

Há quem assuma uma posição absolutamente pessimista em relação aos meios de comunicação, que me parece frequentemente equivocada. Mas essa posição é cada vez mais expressiva. O que tende a predominar hoje é um otimismo imediato, não crítico, que se limita a celebrar as virtudes da técnica. Acredito que, se queremos inclusive buscar suas potencialidades, não podemos dispensar uma perspectiva crítica que possa nos mostrar a posição dessas mídias no quadro dos poderes contemporâneos”.(CAIAFA, 2007, p.24)

Em contrapartida, André Lemos cita Mafessoli para discutir como a evolução da técnica pode promover os encontros. Para ele “ao invés de inibir as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social, as novas tecnologias vão agir como vetores dessas situações” (LEMOS, 2012). O autor ainda afirma que há uma “apropriação social da técnica”, que pode ocorrer de forma complexa e imprevisível. Lemos também corrobora a idéia de que a cidade é caracterizada por deslocamentos e acrescenta que e mesma é palco de mobilidade e fixação.



As cidades e os processos midiáticos que lhe são correlatos e estruturantes, como o jornalismo e depois as mídias audiovisuais, são desde sempre fluxo, troca, deslocamento, desenraizamento e desterritorializações (das relações sociais, das informações e dos territórios). A cidade constitui-se, historicamente, como lugar de mobilidade e fixação, desde as primeiras organizações sociais que se formaram como lugar de culto aos mortos, as “necrópoles” (MUMFORD, 1998). Como afirmam Urry e Sheller, “cities are mobile and places of mobility” (URRY; SHELLER, 2006, p. 1). (LEMOS, 2010, p.156)

Embora os autores concordem do que concerne à movimentação e aos deslocamentos proporcionados pela cidade, possuem visões antagônicas quanto à relação existente entre as Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) e a convivência na cidade. Aqui observamos a possibilidade do comportamento do *Facebook* ser característico de uma metrópole virtual. Observamos uma realidade de atenções deslocadas e relacionamentos, sejam afetivos ou não, virtuais.

A Revista O Globo, de 24 de julho de 2011, exemplo utilizado por este artigo, guia-nos à análise da similaridade entre as relações sociais que acontecem no *Facebook* e as relações promovidas pela convivência na cidade. A capa dessa revista retrata a alteração nas relações afetivas após a inserção das redes de relacionamento no dia a dia das pessoas: Amor nos tempos das redes sociais - Ciúmes, intrigas, saias justas, brigas, separações: como a crescente exposição na internet vem mexendo com a cabeça de casados e solteiros.

Em um primeiro momento, analisamos o caráter de cidade que o *Facebook* apresenta. Vemos que ele promove encontros, uniões e até desconfortos típicos da convivência urbana. Em seguida, utilizamos a matéria de capa da Revista O Globo para verificar como os usuários ainda passam por um período de adaptação a este espaço público, mas, muitas vezes, visto como particular por eles mesmos.

A cidade e as Redes sociais

“Amor nos tempos das redes sociais” foi a frase estampada na Revista O Globo de 24 de julho de 2011. Em matéria que discutiu encontros, desencontros, ciúmes e discussões que ocorrem frequentemente nas redes sociais, a revista dominical retratou o que é uma realidade da sociedade contemporânea. Tratando-se da rede social *Facebook* que é nosso objeto de estudo, estes (des)encontros evidenciam-se a cada acesso.

Em *Aventura das Cidades*, Janice Caiafa (2007) descreve a cidade como um espiral de heterogeneidades, como oportunidade permanente de encontro com o desconhecido, de



contigüidade com o estranho e de contato com outros mundos possíveis. Também Paul Virillo (1993) salienta que a cidade é um lugar onde não somente se vive, mas sim uma encruzilhada. Diante das descrições destes autores, observamos as ferramentas que o *Facebook* nos disponibiliza, como visualização de marcações em fotos de amigos – que incluem desconhecidos –, promoções de eventos públicos e atualizações onde pessoas são marcadas evidenciam que, assim como a cidade, este espaço virtual promove a sociabilidade. Sobre isso, André Lemos lembra que as cibercidades, as metrópoles cibernéticas contemporâneas, podem ser pensadas como formas emergentes do urbano na era da informação. Para ele, “devemos então reconhecer a instauração de uma dinâmica que faz com que o espaço e as práticas sociais sejam reconfiguradas com a emergência das novas tecnologias de comunicações e das redes telemáticas” (LEMOS, 2010, p.156). O conceito de cibercidades é definido como “cidades onde as infraestruturas de comunicação e informação já são uma realidade e as práticas daí advindas formam uma nova urbanidade. (LEMOS, 2005).

Sobre as relações promovidas dentro das redes sociais, Rogério da Costa conceitua que “todo tipo de grupo, comunidade, sociedade é fruto de uma árdua e constante negociação entre preferências individuais. Exatamente por essa razão, o fato de estarmos cada vez mais interconectados uns aos outros implica que tenhamos de nos confrontar, de algum modo, com nossas próprias preferências e sua relação com aquelas de outras pessoas” (COSTA, 2005, p.03)

No histórico - da versão em Português do *Facebook* – observamos as ações de todos aqueles que adicionamos como amigos até que, em algum momento, devido a um desconforto ou inadequação, tomamos a decisão de cancelar a assinatura daquele objeto de desconforto. Nas sugestões de amigos podemos, por vezes, ser obrigados a ver a foto do perfil e amizades compartilhadas por desafetos. Em compartilhamentos de fotos, sabemos onde as pessoas foram, com quem estavam e até detalhes daqueles momentos que, na maioria das vezes não estávamos presentes. Do mesmo modo, quando um amigo comenta postagens e/ou status de pessoas que não fazem parte de sua rede de contatos as mesmas ficam visíveis para você. Neste caso, a informação sobre a vida alheia chega instantaneamente, mesmo que você não deseje saber nada a respeito. Estas opções podem ser alteradas nas configurações de privacidade, entretanto, nem todos sabem utilizá-las.

Sobre esta situação que nos coloca de frente com a diferença e com o não planejado, deparamo-nos com as observações de André Lemos sobre a interligação promovida pelas TICs, pela cidade caracterizada pela hegemonia das redes e, principalmente, pelas “diversas formas de vínculo social que daí emergem” (LEMOS, 2010, p.157).



Convivência, encontros, participação e esbarrões são termos antes somente possíveis na convivência real, nas comunidades e centros e atualmente utilizados em alusão ao ambiente virtual. Rogério Costa salienta a necessidade de rever o que entendemos por comunidades.

Se focarmos diretamente os laços sociais e sistemas informais de troca de recursos, ao invés de focarmos as pessoas vivendo em vizinhanças e pequenas cidades, teremos uma imagem das relações interpessoais bem diferente daquela com a qual nos habituamos. Isso nos remete a uma transmutação do conceito de “comunidade” em “rede social”. (COSTA, 2005, p.06)

Assim como a TV já foi estudada como um meio de despovoamento das cidades, como observado por Paul Virilio (2005), as redes sociais também podem despovoar em determinado momento, mas promovem os encontros, assim como as praças de pequenas cidades faziam no passado.

Portanto, observamos que a junção de inúmeras atividades sociais dentro da rede *Facebook* como não tão somente a manifestação virtual de heterogeneidades e sim o reflexo de uma sociedade que evoluiu das relações pessoais para aquelas através de redes. As relações dentro dessa rede são reais, assim como um encontro por acaso no centro da cidade.

Assim como as redes sociais podem promover o distanciamento físico, elas também favorecem a aproximação social de seus usuários. Na matéria citada no início deste capítulo, vemos uma frase que evidencia as características de cidade apresentadas pelo *Facebook*. O psicanalista Joel Birman, entrevistado pela jornalista Joana Dale, compara o essa rede social à antiga Acrópole da Grécia:

[o *facebook*] é um espaço social legítimo, real. A rede social abriu um espaço onde as pessoas podem restaurar laços de amizade e sentimentais numa época em que a dinâmica da metrópole moderna é uma correria só. E isso tudo precisa ser visto com leveza, de preferência, sem moralismo. (REVISTA, Ano 7, nº 365, p. 27).

Quando o psicanalista fala em moralismo, ele refere-se tanto às opiniões impostas por aqueles que recusam-se a passar pela experiência das redes sociais quanto àqueles que utilizam-nas com diversas ressalvas.

A cidade dá-nos um exemplo de como o *Facebook* se comporta: “Os meios urbanos são densos, concentram ao mesmo tempo que criam possibilidades de dispersão, de circulação, de acesso” (SANTAELLA, 2007, p.20). Ou seja, da mesma forma que esta rede



social concentra diversos conhecidos e amigos em um só lugar, ela também cria a possibilidade de dispersão e acesso a pessoas que na vida real raramente de esbarrariam.

Através de sugestões de amigos, localizado à esquerda superior do site, vemos perfis de pessoas que muitas vezes já vimos nas ruas, em um *shopping* ou que até convivemos juntos devido à uma amizade em comum, mas que nunca buscaríamos voluntariamente. Dessa forma, a partir do momento em que o usuário decide adicionar ou enviar uma mensagem para esta pessoa, um primeiro canal de comunicação e, conseqüentemente, de socialização é aberto. A aproximação também é promovida, por exemplo, através dos lembretes de aniversário e convites para eventos. Essas duas ferramentas facilitam a aproximação de pessoas já conhecidas e despertar possíveis afetos.

Como exposto, as relações que acontecem nas redes sociais apresentam aquelas mesmas características, com as devidas adaptações, das relações face a face. É necessário observar que nada substitui o olhar crítico do pesquisador, a observação das feições e comportamentos, contudo, a observação sobre o que acontece nas redes sociais precisa receber este mesmo olhar de forma adaptada à compreensão desta nova realidade.

Redes Sociais e relações humanas

A privacidade nas redes sociais além de ser uma questão polêmica e digna de estudo, tornou-se objeto de estudiosos da etiqueta social. Assim como a boa educação recomenda o tom baixo de voz em lugares públicos, evitar ao máximo discussões acaloradas em locais abertos e manter a discrição quanto aos relacionamentos particulares, nas redes sociais também há seus correspondentes.

Nossa matéria de estudo da Revista O Globo inicia a questão com o exemplo de um designer carioca que, após sete anos casado, publicou seu status como “solteiro” para comunicar o divórcio a todos seus amigos de uma só vez. Em contrapartida, a matéria cita uma professora que demorou seis meses para excluir seu ex-namorado do *Facebook*. O psicanalista Miguel Calmon afirma que códigos estão sendo criados, entre erros e acertos, pois ninguém sabe ainda onde isso vai dar” (REVISTA, Ano 7, nº 365, p. 27). Já do ponto de vista da comunicação, o imenso número de intervenções que podem causar ruído na informação corroboram possíveis desentendimentos e escândalos na rede. O professor Gottfried Stockinger nos explica o ruído, numa visão do ciberespaço, como “um princípio dinâmico de surgimento de informação a partir de não-informação, quer dizer a partir de flutuações, que à primeira vista parecem casuísticas: um estado não informado ou menos informado (*noise*, ‘ruído’)” (STOCKINGER, 2012).



Da mesma forma que uma história mal contada, a observação de ações alheias no *Facebook* é um canal aberto para desentendimentos e “ditos por não-ditos”. A mesma matéria sobre relacionamentos nas redes sociais retrata a história de um ex-namorado ofendido com uma amiga de sua ex-namorada por esta ter “curtido” o status de solteira da primeira. Ele desabafou sua indignação no *Twitter*, com frases indiretas e, por fim, ex-namorado e amiga “acabaram batendo boca no *Facebook*”. Uma discussão inter-redes sociais.

Sobre esta interação de assuntos e relações que extrapolam os limites de uma ou outra rede social, vemos a reflexão de Henry Jenkins (2008) sobre a narrativa transmidiática que, segundo ele refere-se a um novo modelo que surgiu em resposta à convergência de mídias, captando as exigências dos consumidores e dependendo da participação ativa das comunidades de conhecimento. Para este autor, a velocidade que informações são compartilhadas na rede conduz seus usuários a interagirem entre si, visando atingir um nível de conhecimento compartilhado. Para isso, Jenkins utiliza o conceito de comunidades de conhecimento de Pierre Levy. Para esse autor que refletiu sobre o advento da *Internet*, “novas formas do pensamento coletivo, novas formas de acesso ao conhecimento, vão acelerar o processo geral de emancipação. Mas não devemos achar que as coisas vão acontecer de forma mágica e imediata” (LEVY, 2001).

Verificamos que a interação entre usuários do *Facebook*, como descrito por ambos autores, acontece de maneira colaborativa e participativa, no entanto, esta forma de interação ainda é muito recente para observarmos protocolos fixos de utilização das redes.

Os exemplos citados pela matéria evidenciam, como citado anteriormente, como o *Facebook* comporta-se como uma Acrópole da contemporaneidade. Relações afetivas são vistas se iniciando, terminando e até mesmo durante suas crises por pessoas que não têm nada a ver com os problemas íntimos do casal. Assim como uma discussão acalorada no metrô pode envolver todos aqueles que estão no mesmo vagão, insinuações e frases de efeito são utilizadas em público nessa rede social com o agravante de poder sofrer intervenções como “curtir” e “compartilhar”.

Enfim, observamos que a etiqueta nas redes sociais atinge diretamente os usuários de forma que a ponderação e discrição auxiliam na preservação de suas privacidades. Apesar de o ambiente virtual favorecer os usuários pela distância física que se encontram uns dos outros, ele promove a concentração da atenção de um maior número de pessoas em um mesmo lugar. Dessa forma, um desentendimento compartilhado pode tomar dimensões maiores do que se ocorresse em uma discussão pessoal.

Conclusão

Este artigo demonstrou como as relações sociais que acontecem virtualmente através da rede social *Facebook* possuem características semelhantes àsquelas promovidas pelos encontros na cidade.



Convivência, esbarrões, intolerância, trocas de olhares, enfim, alteridade são características presentes nesta rede social que foi objeto de nosso estudo.

Através do exemplo da Revista O Globo sobre afetividade nas redes sociais, observamos que o ruído causado pela falta de controle sobre a recepção da mensagem pode causar desencontros e até mesmo fervorosas discussões em público que podem tomar proporções maiores do que se acontecessem pessoalmente. Isso ocorre devido à possibilidade de respostas e compartilhamentos instantâneos e simultâneos que podem levar à abrangência do assunto a um número muito maior de participantes.

As ferramentas de interação como “curtir”, “compartilhar” e “cutucar” são bons reflexos de ações cotidianas transpostas para o ambiente virtual. Elas tanto podem promover um primeiro contato quanto disseminar histórias, emoções e atitudes. Já os lembretes de aniversários e eventos podem proporcionar um envolvimento efetivo entre os usuários e estimular os encontros reais.

Este estudo não esgota-se neste artigo, que apenas abre as portas para uma pesquisa mais ampla sobre as características de cidade que são manifestadas diariamente nas redes sociais. O *Facebook* apresenta-se como um oportuno caso a ser estudado devido à sua grande adesão no mundo todo e pelas várias ferramentas de interação social que oferece.

Referências bibliográficas

CAIAFA, Janice. **Aventura das Cidades: ensaios etnográficos** – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. **Comunicação e sociabilidade: cenários contemporâneos / organização**, Janice Caiafa, Mohammed ElHajji. – Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

COSTA, Rogério. **Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, vol. 9, núm. 17, março-agosto, 2005, pp.235-248. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Brasil. Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=180114100003>. Acessado em 03/05/2012.

CRUZ, M.T. **Espaço e media de experiência** in MARGATO, I. GOMES, RENATO C. (Org.) **Espécies de Espaço: territorialidades, literatura, mídia**. – Belo Horizonte; Editora UFMG, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro – 4ª edição – Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

JENKINS, Henry, **Cultura da Convergência**. - São Paulo; Aleph, 2008.



LEMOS, André. **Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade.** urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (*Brazilian Journal of Urban Management*), v. 2, n. 2, p. 155-166, jul./dez. 2010. Disponível em www2.pucpr.br/reol/index.php/URBE?dd1=4469&dd99=pdf. Acessado em 08/05/2012.

_____. **Ciber-Socialidade.** Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea – Disponível em <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html>. Acessado em 30/04/2012.

LEVY, Pierre. **Entrevista Roda Vida.** Memória Roda Viva. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/47/entrevistados/pierre_levy_2001.htm. Acessado em 20/04/2012.

PRYSTHON, Angela. **A grande aventura urbana.** *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 13, p. 151-153, jun. 2007.

REVISTA O GLOBO, **O amor nos tempos das redes sociais** – Ano 7, nº 365, 24 de julho de 2001.

COSTA, Rogério da. **Por um novo conceito de comunidade:** redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, vol. 9, núm. 17, março-agosto, 2005, pp.235-248 - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Brasil

STOCKINGER, G. **A interação entre cibernsistemas e sistemas sociais** – Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/stockinger-gottfried-interacao-cibersistemas.html#foot1838>> Acessado em 10/01/2012.

VIRILIO, P. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real.** Tradução de Paulo Roberto Pires. – Rio de Janeiro: Ed. 34, Editora 34 Ltda, 1993.



Anexo 1 – Digitalização da matéria: Amor no tempo das redes sociais. Revista O Globo Ano 7, nº 365 – 24 de julho de 2011.



Há um mês, os 517 amigos de um designer carioca, de 36 anos, acharam que ele estava brincando quando trocou o *status* de "casado" por "solteiro" em seu perfil no Facebook. Por sete anos, o músico e a mulher formaram uma espécie de casal 20 da galera. Após cair a ficha, enfim, os amigos começaram a postar comentários do tipo "não curtí", "também não curtí", "como assim?" na página dele. Para a ex-mulher, ele justificou o ato — sacramentado na rede social três dias após a separação — dizendo que preferiu dar a notícia a todos logo de uma vez a ter que ficar se explicando a cada amigo que encontrasse no Baixo Gávea. Seria menos doloroso, alegou ele. Ela, por sua vez, ainda tenta assimilar a dimensão que o rompimento tomou, com sessões extras de terapia particulares e em grupo.

Para alguns, ele teve uma atitude egoísta. Para outros, não. Comunicar o fim de um namoro ou casamento na internet é uma decisão unilateral? Qual é a medida para anunciar ao

mundo, literalmente, o término de uma relação, sem desrespeitar o luto alheio? Estas e outras questões, nascidas no mundo virtual mas com implicações bem reais, têm alimentado reflexões e discussões, seja em mesas de bar, em consultórios de psicanálise ou em teses acadêmicas. O fato é que as redes sociais, em diferentes graus, estão causando uma série de transformações nos relacionamentos amorosos. Após saias justas, crises de ciúme e muito balafá, aos poucos está surgindo um conjunto de novas regras de etiqueta entre os 38,4 milhões de brasileiros que usam Facebook, Orkut e Twitter, segundo números da pesquisa realizada pelo Ibope Nielsen Online no mês passado.

— Os códigos estão sendo criados, entre erros e acertos, pois ninguém sabe ainda aonde isso tudo vai dar — diz o psicanalista Miguel Calmon, que não tem conta em nenhum site de relacionamento, mas costuma participar de debates sobre o tema no jantar

com os filhos ou em seu consultório. — O mais importante é ser cauteloso e não fazer uma crítica radical e reacionária das relações intermediadas pelo Facebook, caracterizando-as como de segunda ou quinta categoria, já que as pessoas tendem a achar que amor verdadeiro era o vivido no passado. Essa revolução comportamental está transformando a forma de pensar o amor.

Para muita gente, principalmente as pessoas que ainda não entraram nessa onda, o amor nos tempos das redes sociais é mais impessoal. O psicanalista Joel Birman pondera: o momento é mesmo de repensar os preconceitos.

— Para usar uma metáfora grega, diria que o Facebook é a Acrópole contemporânea — compara. — É um espaço social legítimo, real. A rede social abriu um espaço onde as pessoas podem restaurar laços de amizade e sentimentos numa época em que a dinâmica da metrópole moderna é uma correria só. E isso tudo precisa ser visto com leveza, de preferência sem moralismo. ▶





► A professora Fernanda Paixão, de 29 anos, demorou seis meses até conseguir excluir o ex-namorado de sua lista de amigos no Facebook. Por questão de dias, não deu de cara com as fotos do casamento dele no mural. Ela diz que foi difícil se livrar dos vínculos, a história era antiga. O rolo começou em 2006, num tempo em que o Orkut ainda reinava absoluto — não há dados oficiais, mas calcula-se que hoje, no Brasil, existam 22 milhões de usuários do Facebook e 30 milhões do Orkut.

— Namoramos de 2006 a 2007, e após o término encerrei minha conta no Orkut. Mas continuamos enrolados por mais alguns anos e, nesse tempo, nós dois entramos no Facebook. Foram muitas sessões de análise para saber se o tirava, ou não, da minha lista de amigos. Quando vi que acompanhar o perfil dele estava virando um vício, tomei coragem — conta Fernanda que, até hoje, segura o dedinho para não convidar o ex para ser mais um entre os seus 460 amigos.

Autoras do livro “Mulher, vamos descomplicar?”, as psicanalistas Luciana de la Peña e Ana Franqueira lembram que

as crises sentimentais deflagradas em redes sociais dominaram o seminário “Encontros & Desencontros — Ele simplesmente não está a fim de você”, realizado no mês passado no Espaço Trocando Ideias, no Jardim Botânico.

— O que você vai ganhar rastreando a vida do ex pelo Facebook? No máximo, vai ficar sabendo em tempo real que ele entrou numa boate e, no dia seguinte, conferir em fotos o quanto ele se divertiu — diz Luciana. — O problema dos relacionamentos não é o mundo virtual, mas o uso que as pessoas fazem dele.

Após um rompimento, a faxina nos álbuns de fotos criados no Facebook ou Orkut é procedimento de praxe. Mas o problema é que tem sempre aquele melhor amigo do casal que acaba postando uma foto antiga que pode dar aquela angústia no peito de um deles, ou de ambos. Pior é quando alguém repassa uma mensagem cheia de duplos significados que o ex escreveu, mostrando que a vida vai muito bem, obrigado. No mundo virtual, os “falecidos” costumam ressuscitar com a maior desenvoltura.

Não à toa, foi lançado um programa

chamado Ex-Blocker, que tem a missão de bloquear tudo (tu-do!) relacionado à antiga cara-metade. Basta inserir o primeiro e o último nome do dito(a) cujo(a) na conta no Twitter e no Facebook. O site da empresa criadora do software, em <http://blockyourex.com/>, informa que, hoje, cerca de 14.900 pessoas são bloqueadas através dele.

A administradora de empresas Vivian Mattos, de 28 anos, precisa urgentemente ser apresentada ao Ex-Blocker. Há dois meses, ela entregou sua conta do Facebook nas mãos de uma amiga, pediu para que ela trocasse a senha e, desde então, não entrou mais na rede. Tudo para não ficar com vontade de fixurar a vida do ex, no melhor estilo “o que os olhos não veem o coração não sente”.

— Nunca fui muito adepta de redes sociais, mas acabei entrando na onda do Facebook e, quando terminei, fui obrigada a mudar meu status para solteira. Quando fui ver o dele, adivinha?, ele já havia mudado antes de mim. Que decepção! A tristeza aumentou — lamenta. — E ainda tive que ouvir de uma colega do trabalho que se ele mudou de status é

É UM CLÁSSICO POSTAR FOTO COM PERIGUETE SÓ PRA VOCÊ FICAR COM CIÚME!



CIÚME? VOU BLOQUEAR PORQUE NÃO QUERO NINGUÉM VENDO QUE EU NAMOREI UM CARA QUE USA GÍRIAS TIPO “ARREBENTAR A BOCA DO BALÃO”



porque acabou mesmo...

Nada como um dia após o outro: Vivian jura que está conseguindo se recuperar e que está mais feliz sem a tentação de acessar o Facebook a todo momento através do celular, como antes.

— Quando quero falar com algum amigo, pego o telefone e ligo. As pessoas estão ficando loucas com o Facebook, os relacionamentos estão frios e a exposição, enorme — opina a moça.

Na alegria ou na tristeza, o Facebook faz parte do enredo de muitas histórias de amor. A teia criada por Mark Zuckerberg em 2004, tema do filme “A rede social” (que, aliás, começa com o fim de um namoro), foi o fio condutor do último relacionamento da estudante de administração Paula Pires, de 20 anos. Ela estava saindo com um carinha que conheceu na PUC fazia meses. Ele tinha feito até a proposta de os dois assumirem um “relacionamento enrolado”. Eis que certo dia Paula foi pedida em namoro oficialmente — pelo Facebook.

— Recebi uma mensagem pelo site com uma declaração de amor fofa, com uma solicitação de relacionamento sério. Sou contra assumir um namoro no

Facebook assim tão rápido, mas foi tão bonitinha a atitude dele que acabei aceitando — conta Paula, que namorou o rapaz por 11 meses.

Solteira há menos de um mês, optou por deixar o campo do status de relacionamento em branco:

— Me recuso a botar que estou solteira. Quem pôe isso é porque está querendo provocar alguém ou porque está desesperada.

A troca de status é uma das ações de maior audiência no Facebook. Bote o aplicativo Social Statistics, que coleciona mais de dois milhões de fãs, para rodar no seu perfil e confira o resultado. No quesito Top Posts, a alteração de status sempre figura entre os dez mais comentados.

— As pessoas costumam comentar mais o término de um namoro do que o início. Quando assumi o namoro, meia dúzia de amigas curtiu, desejeu felicidades. Mas quando terminei, todo mundo da faculdade me chamou no chat para mostrar uma suposta solidariedade — alfineta Paula.

Curtir a solteirice alheia também pode pagar mal na rede. Em abril, após o

término de um namoro de dez meses, a gaúcha Karen Marcelja, de 32 anos, acabou mudando o status de relacionamento para solteira. Dez minutos depois, sua melhor amiga simplesmente “curtiu”, o verbo mais conjugado no Facebook, num ato de apoio. Pronto: o barraco online foi parar no Twitter.

— Meu ex-namorado ficou magoado com a atitude dela e foi desabafar no Twitter. Ele começou a mandar um monte de indiretas, essa minha amiga ficou furiosa, e os dois brigaram por mensagens no Facebook — conta Karen, que, no geral, acabou vendo o lado positivo da mudança de status. — Virar solteira desperta um monte de paquerinhas que estavam adormecidas.

No fundo, todo mundo quer é ser amado, dentro e fora da internet, observa Ana Maria Sabrosa, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio:

— De alguma maneira, o ser humano é marcado pelo desamparo e tem necessidade imensa de ser amado. Toda publicação em rede social tem um objetivo. Mas como tudo é subjetivo, às vezes o retorno pode causar frustração, às vezes pode causar felicidade.►



► Há quatro anos estudando o ambiente social do Facebook, os pesquisadores Amy Muise, Emily Christofides e Serge Desmarais, do Departamento de Psicologia da Universidade de Guelph, do Canadá, não têm dúvidas de que a rede social está tornando o exibicionismo online algo, digamos, mais natural. Mas divulgar aos quatro ventos se é solteiro, noivo, casado, viúvo ou está num relacionamento sério ou numa amizade colorida (ao todo, são nove opções de *status* no Facebook) tem suas implicações. Não divulgar, também. O ponto mais latente é o ciúme.

— Algumas mulheres se tornam mais ciumentas quando passam muito tempo no Facebook. Num estudo recente, notamos que a exposição detona o gatilho do ciúme, e isso compromete a relação, deixando a pessoa menos satisfeita e menos comprometida com o parceiro — adverte Amy.

Faz sentido. De acordo com uma recente pesquisa da empresa de antivírus Norton, o uso do Facebook é uma das principais causas de divórcios nos Estados Unidos atualmente. A canadense poderia fazer uma extensa lista de dicas

para casais evitarem este desfecho e terem uma vida amorosa saudável mesmo sem abrir mão das redes sociais.

— Se você encontrar algo que te deixe desconfortável no mural do seu parceiro, converse sobre isso. Muita informação divulgada no Facebook pode ser mal interpretada — diz Amy.

A forma encontrada pelo casal Luciana e Gustavo Thorstensen, ambos de 37 anos e 16 de casados, para se blindar de ti-ti-tis online foi criar um perfil compartilhado no Facebook.

— Achava ridículo ter um Facebook com o marido, porque isso tira a individualidade. Mas foi o jeito encontrado para evitarmos futuros aborrecimentos. Está dando certo — conta Luciana, que quando escreve uma mensagem no mural de algum dos 253 amigos do casal assina “/LU”. — Conheço muitos casais que têm contas separadas no Facebook, mas um tem a senha do outro. Prefiro ser caçona a ser hipócrita.

Perfis compartilhados levam a alguns problemas. Quando o relacionamento termina, a quem pertence a conta? Para alguns, a saída é extinguir o perfil. Em outros casos, um assume a conta, e

muda a senha (algo como trocar a fechadura da porta na vida real). A questão da privacidade, como se vê, é complexa. E virou objeto de estudo do mestrando Gustavo Rauber, do departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal de Minas Gerais, em parceria com o Indraprastha Institute of Information Technology, de Nova Délhi. No total, 744 pessoas participaram da pesquisa, que será divulgada em outubro, no evento WebMedia'11, em Florianópolis. Entre as conclusões, ele confirmou que os indianos, por exemplo, são mais cautelosos do que os brasileiros nas redes sociais.

— A maioria das pessoas ignora os controles de privacidade existentes. Pode ser por desleixo, por autopromoção ou pela falta de intimidade com o sistema — avalia Gustavo.

Especialista no assunto, ele divide bem o que compartilha entre os seus cerca de 250 amigos no Facebook. Menos da metade deste total, por exemplo, soube que ele ficou noivo da namorada há seis meses.

— Dá trabalho, mas através das configurações de privacidade é possível

definir os diversos níveis de intimidade por grupos. Apenas os amigos que eu gostaria foram avisados do meu noivado — diz o pesquisador mineiro, de 28 anos. — Todos nós estamos limitados a um certo número de amizades, seja por falta de tempo ou pela nossa capacidade cognitiva. O valor mediano para tal limite é estimado em 150 amizades, conhecido como número de Dunbar. E esse número foi confirmado no Facebook: apesar de você ter dois mil amigos, não consegue manter contato com muito mais de 150 pessoas.

A administradora Bárbara Bretas, de 34 anos, é um exemplo de usuária seletiva. Em seu perfil, são 134 amigos contados nos dedos. Para ela, rede social é coisa séria. Foi através do Facebook, inclusive, que conheceu seu atual namorado, o piloto Gustavo Perrota, de 29. A história é um conto de fadas com toques bem contemporâneos: certo dia, uma amiga em comum resolveu bancar o cupido e sugeriu que ela desse um confere na ficha e nas fotos de Gustavo na sua lista de amigos (encontro às escuras entrou mesmo em extinção). Mas qual não foi a surpresa ao dar de

cara com o aviso “Gustavo Perrota está em um relacionamento sério”, que parecia piscar no monitor. Hoje, aos risos, ele explica o acidente de percurso:

— Eu já estava de saco cheio da quantidade de *periquetes* querendo me adicionar, então resolvi mudar meu *status* de relacionamento.

Sobrou para a amiga-cupido *desfazer* o mal-entendido. Em cinco minutos, o *status* de relacionamento dele ostentava um atraente “solteiro” de novo.

— Quando vi que ele estava solteiro mesmo, comecei a olhar as fotos, vi que era gatinho, e dei o aval para a nossa amiga nos apresentar — conta Bárbara.

Os dois saíram pela primeira vez no último carnaval e não se largaram mais. Quer dizer, já rolaram umas briguinhas, o suficiente para para ela tirar do perfil que estava em um “relacionamento sério com Gustavo Perrota”...

— Para não virar bagunça, depois da terceira troca de *status*, resolvemos agora deixar essa lacuna em branco. Não quero mais dar satisfação para ninguém sobre a nova vida amorosa — avisa Bárbara.

Roteirista da peça “Adulterio”, em

cartaz no Teatro do Leblon até o fim do mês, o dramaturgo Daniel Herz, da Companhia Atores de Laura, levou o mito da traição virtual para o palco:

— É uma discussão aberta. Há quem pense que a chamada traição virtual alivie o desejo da traição na carne — comenta Daniel, casado e com a lacuna do *status* de relacionamento em branco no Facebook. — Nós conversamos sobre isso e optamos pela discrição.

Pode ser apenas uma coincidência, mas acabou de desembarcar no Brasil um site de relacionamentos que facilita a vida de pessoas casadas que querem pular a cerca. De origem americana, o OhhTel é gratuito para mulheres. Homens pagam R\$ 60 para enviar emails para as pretendentes. Nos sete primeiros dias por aqui, o site atingiu a marca de 63.317 inscritos (no total, são um milhão e 300 mil participantes, de diversos países). Neste caso, só a troca de mensagens é virtual. O objetivo final é a “traição na carne” mesmo. ●

► **GLOBO NA INTERNET**
Confira uma tirinha extra da série
globo.com.br/tecnologia

NAS PRIMEIRAS SEMANAS VOCÊ NEM FICOU TÃO DEPRÊ, O QUE HOUBE AGORA?



MESMO DEPOIS DA SEPARAÇÃO ELA CONTINUAV ALI, SEMPRE PRÓXIMA. DE VEZ EM QUANDO ATÉ DAVA UM SINAL. AGORA SUMIU DO MEU MUNDO. DESAPARECEU DO MEU ALCANCE.



CARAMBA...ELA FOI MORAR FORA DO PAÍS?



MUITO PIOR. ME BLOQUEOU NO FACEBOOK.

